

# O outro Ocidente: sete ensaios sobre a filosofia da libertação, com um Prólogo de Enrique Dussel

ANTONINO INFRANCA

*Marília: Práxis, 2014, 230p.*

*Marco Vanzulli\**

*O outro Ocidente*, obra de Toni Infranca que aparece agora em português, reedição revista de um texto publicado antes em espanhol (2000), depois em francês (2004) e finalmente em italiano (2010), é constituído por uma série de ensaios. A abordagem da Filosofia da Libertação é seu tema principal. O livro representa uma introdução à reflexão de Enrique Dussel na qual, como diz o mesmo Dussel no Prólogo, Infranca “acrescenta algo de seu, o novo, abre novos e espaçosos caminhos ao próprio autor comentado, interpretado, usado”. Nos ensaios que compõem o livro, o pensamento de Dussel é exposto através de uma aproximação aos autores latino-americanos que tornaram objeto de reflexão e ponto de força a especificidade de uma posição latino-americana do pensamento (Darcy Ribeiro, Leonardo Boff, Rodolfo Kusch, Paulo Freire) e, desta maneira, é esclarecida a diferença entre a posição dusselliana e a Teologia da Libertação.

A Filosofia da Libertação não se propõe a ser uma mera arte crítica. De fato, segundo Dussel, a Filosofia da Libertação pretende desenvolver um “discurso latino-americano alternativo” e ao mesmo tempo realizar uma renovação fiel à substância do pensamento de Marx. Esse segundo aspecto é reivindicado por diversos marxismos do século XX, inclusive por aqueles que mais parecem ter

---

\* Professor da Universidade de Milano-Bicocca. *E-mail*: mrc.vanzulli@gmail.com. Resenha traduzida do italiano por Plínio Freire Gomes.

se distanciado da inspiração marxiana sobre pontos de decisiva importância. A Filosofia da Libertação, como todo marxismo, acredita constituir um momento novo que reatualiza Marx, respeitando e potenciando seus traços específicos.

O esforço analítico realizado por Dussel sobre textos marxianos testemunha favoravelmente a genuidade dessa empresa. E, contudo, ele também se dirige a concepções filosóficas novecentistas, em si heterogêneas. Lendo os escritos de Dussel não se pode deixar de notar, nos contextos em que são explicitadas as categorias fundantes da Filosofia da Libertação, a forte presença sincrética das concepções e da terminologia de Heidegger, Ricœur, Lévinas, entre outros. Em particular, pode-se dizer que o aspecto distintivo da Filosofia da Libertação seja a utilização enfática da temática do *outro* de Lévinas, declinada em chave histórico-ética e anticapitalista, posta a serviço da *alteridade* latino-americana e contra o centralismo do capital. E não por acaso Infranca sustenta que “a ética que falta ao marxismo é a Ética da Libertação” (p.23) e que a “Filosofia da Libertação retoma, portanto, não apenas a força ética do marxismo, mas também as categorias sobre as quais se baseia a análise de Marx: estranhamento e alienção, exclusão, opressão, exploração” (p.32). É, porém, verdade que o ponto de vista do *outro* é posto numa perspectiva ética substituída pelo cristianismo, de modo a poder dizer que a Filosofia da Libertação tenta o enxerto sobre o marxismo de uma instância de tipo ético-religioso.

Dussel supõe que a categoria de “exterioridade” seja a “categoria por excelência” do pensamento marxiano, interpretada como reflexão que se faz análise concreta da realidade de dominação capitalista a partir do ponto de vista do excluído; razão pela qual Marx analisava, avaliava, julgava um sistema social a partir das vítimas que esse sistema produz para existir (p.50). Poder-se-ia perguntar se a noção de eurocentrismo (como defeito teórico imputado a Marx ou ao qual Marx, ao contrário, se subtrairia) acerta realmente no alvo ou é índice de um excessivo crédito de tipo hermenêutico dado ao elemento do sujeito interpretante (aqui o oprimido latino-americano) sobre a coisa interpretada. Em suma, Marx pode muito bem ser “latino-americano” sem deixar de ser “inglês”, na medida em que na sua obra encontramos as categorias críticas fundamentais sobre as quais basear-se para uma compreensão dos momentos “central” e “periférico” da superação do capital.

Dussel realiza uma redução de todas as categorias do pensamento filosófico ocidental a categorias de domínio – a própria “ontologia”, a qual é associada à nietzscheana vontade de potência, é condenada como filosofia de domínio. Trata-se talvez de uma aplicação *sui generis* da “destruição” da tradição ocidental tentada por Heidegger – com um sinal político evidentemente oposto em relação às posições reacionárias do filósofo alemão. Por outro lado, a soberba é certamente um aspecto caracterizante das categorias do pensamento ocidental moderno (sobretudo é seu *mauvais côté* quando se dirigem ao “outro”, externo e interno à sociedade ocidental, como mostra por exemplo a contra-história do liberalismo de Domenico Losurdo). Contudo, estas dão testemunho de sua dimensão civili-

zadora e emancipadora, utilizada e utilizável inclusive contra e além do projeto hegemônico da burguesia. O próprio Infranca de resto recusa a condenação que Dussel pronuncia contra a ética kantiana enquanto imperialista. Ainda mais porque a dificuldade de sair da tradição ocidental é evidente no caso de Dussel, cujas categorias se formam todas no interior da tradição ocidental da filosofia contemporânea, da qual utiliza a carga antimetafísica (Heidegger, em particular). Deste modo, a totalidade da “tradição ocidental” é renegada enquanto “eurocêntrica”. Mesmo o “marxismo-leninismo” é recusado como um todo, porque produtivista, antiecológico, machista e burocrático. Tem-se a impressão que a recusa do “marxismo-leninismo” seja estendida a boa parte dos marxismos novecentistas. Essa indiferença em relação ao complexo das tradições marxistas do século XX por parte da Filosofia da Libertação devem ter as raízes não marxistas da filosofia de Dussel, uma filosofia que se encontra, sobretudo, numa relação de assimilação e de diálogo (ainda que marcado por tentativas de recusa e distanciamento) com outras tradições do século XX (sobretudo a hermenêutica).

Com essa especificidade, a Filosofia da Libertação revela-se como uma perspectiva privilegiada para olhar não apenas a América Latina, mas a própria realidade europeia, o “centro”, permitindo colher a ambiguidade do Ocidente, emancipador no “centro” e opressor na “periferia”. Dessa maneira, Infranca faz continuamente bem ao chamar atenção dos intelectuais europeus contra o complexo de superioridade com o qual julgam o nível teórico dos colegas latino-americanos – este, sim, em muitos casos, exemplo de eurocentrismo deteriorado e totalmente autoreferencial. Infranca critica a Ética do Discurso de Karl Otto Apel, cuja comunidade de comunicação ideal é completamente abstrata e recalcada sobre distinções sociopolíticas dominantes, sendo, portanto, uma comunidade que exclui o excluído. Em particular, é recusada a tentativa de associação entre Ética do Discurso e Filosofia da Libertação, esta última submetida, a partir dessa operação, a uma espécie de esvaziamento teórico, reduzida à extrema genericidade, como é próprio do discurso da pura racionalidade interumana (p.169). Isso porém justifica uma dicotomia como a expressa na p.222: “O intelectual latino-americano, como Dussel, que denuncia a ‘ocultação do Outro’ metodicamente realizada pelo Primeiro Mundo pertence a uma comunidade real, mas o intelectual europeu ou do Primeiro Mundo à qual comunidade pertence?” – a menos que Infranca não se refira ao pertencimento dos intelectuais do “Primeiro Mundo” à *scheinbare Gemeinschaft* (comunidade aparente), à qual segundo Marx os indivíduos até agora pertenceram. Além disso, porém, estamos seguros de que os próprios intelectuais latino-americanos não pertençam a essa comunidade aparente, que é, como diz sempre Marx na mesma passagem da *Ideologia alemã*, um sucedâneo de comunidade que permite uma liberdade apenas no interior das relações de classe?

**Palavras-chave:** Enrique Dussel, Filosofia da Libertação, marxismo ocidental.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**Ainda a teoria marxista da história**

Vivek Chibber

**A abolição da família monogâmica**

Sergio Lessa

**O (re)começo do marxismo althusseriano**

Luiz Eduardo Motta

**Lenin e a questão agrária**

Ligia Osório

**Entrevista com Domenico Losurdo**

# 35